

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.399
Sábado, 16 de Junho de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

É HOJE!
E' HOJE que se realiza o grande
sorteio do automóvel de «A BATA-
LHA»
Quem será o contemplado?

A PATRONAL Inventora de greves

para aterrorizar os que ainda
caem na asneira de sustentá-la

A BATALHA tem por várias vezes pôsto a descoberto a calva luzidia dos bons burgueses da Confederação Patronal. Mais uma vez a Batalha vem demonstrar que não dorme, que está ao facto do que aqueles cavalheiros projectam e fazem. Ultimamente o trabalho da Confederação Patronal tem sido uma mesquinha sordida, quasi se limitou à delação pequenina e quasi sempre mal fundamentada.

Quando o pessoal das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade fez as suas reclamações, muito simples reclamações, logo a Patronal para assustar os que ainda caem na asneira de sustentá-la transformou essas reclamações numa ameaça de greve que ninguém pensava em realizar.

Agora as classes gráficas andam estudando o problema do salario minimo. Mas, a impagável Confederação, de cabelos de pé, ou fingidamente assustada trata de aterrorizar os industriais da grafia, metendo-lhes medo com o papão da greve.

Vejam os leitores a circular da C. P., enviada a todos os industriais, veja como ela inventa uma greve, com data marcada e tudo.

CONFIDENCIAL

Ex.º Sr. Confederado

Tendo estes serviços conhecimento do que o pessoal gráfico pretende realizar mais um movimento—sendo de presumir que já no próximo dia 16 se declare em greve, informa-se V. Ex.º deste facto, dando em nome do C. S. desta Confederação, este organismo ao dispor de V. Ex.º e da sua classe para que promovam o que houverem por conveniente.

Lisboa, 14 de Junho de 1923.

O Chefe dos Serviços

Uma greve para hoje. A Confederação Patronal é uma inventora de greves. E diz ela que o operariado pretende fazer greves constantemente. Ainda não faz tantas quantas inventa a impagável, piramidal Confederação Patronal.

Os senhores

NOTAS & COMENTARIOS

«Amanhã que no Eden-Teatro se realiza o comício promovido pela União dos Sindicatos Operários

A guerra travada entre senhores e inquilinos, guerra esta desencadeada pela ambição dos primeiros entrou numa fase aguda. Dum lado, nesta imensa batalha que vai ser travada, encontram-se os senhores, confiantes na crise de habitação, no poder do seu dinheiro, nas facilidades parlamentares. Do outro lado, os inquilinos, esmagados por rendas exorbitantes, ameaçados continuamente de despejos. Os senhores pretendem reduzir os inquilinos a uma densa escravidão e uma exploração revoltante. Por sua vez os inquilinos cansados de tanta escravidão e de tanta exploração estão dispostos a pôr-lhe cobro e a evitar que uma nova lei venha colocá-los numa situação ainda mais aflição que a presente.

Vermos se a audácia dos senhores durará a medir-se e se conseguirá triunfar diante da formidável resistência que os inquilinos lhe devem opôr.

A U. S. O., que tem dedicado a este momento assumto um grande interesse, editou e fez distribuir o vibrante manifesto, que passamos a transcrever:

«Inquilinos! Vítimas dos gananciosos senhores! A vossa bolsa, já depauperada pelas constantes arremetidas dos que, mercadejando com a vida das populações, está sujeita a um novo e infame assalto. Os detentores da propriedade, detentores de dinheiro, confiam que do parlamento saia mais uma lei que os satisfaga. O Povo deve confiar em si próprio, e com o seu esforço reivindicar o direito de resguardar milhares de famílias que vivem empilhadas em verdadeiras pocilgas, sujeitas a dois males horríveis: — o contágio de graves doenças e a garra avarosa dos proprietários e dos inquilinos-senhores.

Se os detentores da propriedade não se limitam a cobrar o juro, simples dos capitais que empregam, e os sublocatários se não contentam em receber dos hóspedes a parte equitativa com as rendas dos prédios, as vítimas, o Povo, tem o direito, mais: «O dever de impor a sua lei: a lei da humanidade! Por ele deve lutar enquanto persistir a propriedade privada, causa de todos os males, e pagar apenas o que for compatível com os seus proventos, bradando: Basta! Basta de exploração! Para que todos os inquilinos possam dizer de sua justiça, a União dos Sindicatos Operários de Lisboa, efectua no próximo domingo, 17, no Eden Teatros, às 15 horas um comício público, ao qual deve acorrer toda a população de Lisboa, que sofre sob a tirania e as manigalhadas dos que fizeram da habitação um negócio rentendo. A tribuna será livre!

A U. S. O., de Lisboa.

Para que o comício resulte grandioso exprime a opinião e a vontade da população trabalhadora a comissão administrativa da U. S. O. deliberou convidar todas as federações de indústria a fazerem-se representar.

O Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército enviou uma circular a todos os sindicatos convidando-os a comparecer ao comício.

A direcção do Sindicato dos Corticeiros de Belém convidou os seus membros desta área a comparecer no comício de amanhã contra as gananciais pretensões dos senhores.

Inquilinos: à grande reunião de amanhã

Quando se nega a uma população que trabalha, o direito a habitar, proclama-se como um dever, a revolta contra semelhante extorsão.

Os senhores pretendem com a cumplicidade de muitos parlamentares, com a intriga e a acção persistentes desenvolvidas pelo seu defensor, o monárquico Carvalho da Silva, reduzir a vontade dos inquilinos, aniquillar os seus direitos.

Está premeditado um grande conlulo de senhores para conquistarem uma lei que lhes assegure quantos aumentos nas rendas a sua ganância lhe inspirar e quantos despedimentos a sua prepotência deliberar.

A U. S. O. que encarna os interesses dos inquilinos contra os atentados dos senhores, realiza amanhã, no Eden-Teatro, pelas 15 horas, um grande comício de protesto.

A esse comício devem comparecer todos os inquilinos a escutar a voz que exprime as suas legítimas reivindicações.

AS ESCOLAS TÉCNICAS

O sr. Adrião Castanheira, director da Escola Fonseca Benevides, diz à «Batalha» quais são as suas impressões do último congresso

Ainda o Congresso das Escolas Industriais e Comerciais... O dr. sr. Adrião Castanheira, director da Escola Fonseca Benevides auxiliou-o de dedicação, viveu-o intensamente. Ontem, num gabinete daquela Escola tivemos uma interessante conversação que passamos a reproduzir.

O nosso entrevistado iniciou assim as suas declarações: — Nunca assisti a uma assembleia tão ordeira, disciplinada e tolerante. Havia no congresso opiniões e ideias diferentes, os congressistas eram oriundos de várias regiões do país, e daí, verificavam-se temperamentos diferentes. Pois todas essas diferenças—as de tempera-

obra, desenvolvia a indústria. Util ao público, porque beneficia da melhoria do produto.

Houve um outro ponto interessante que o congresso versou. O nosso entrevistado, analisa-o nos seguintes termos: —Defendeu-se também a admissão aos Institutos Industrial e Comercial, para depois poderem ingressar nos respectivos institutos superiores. Esta aspiração é justíssima porque a inteligência não pode nem deve constituir um monopólio. Não se concebe que as escolas industriais e comerciais não possam sair alunos para os cursos superiores.

E esta aspiração além de ser justa é também útil. E' que os engenheiros assim formados teriam além da sua inteligência a prática e o conhecimento íntimo de toda a vida de oficina. O engenheiro, à moda antiga, encaixado no gabinete, desapareceu. O engenheiro moderno, o engenheiro de hoje, enverga uma blouse, e trabalha ao lado dos operários. Estas observações aplaudi-mos igualmente as escolas comerciais, relembrando-nos os contabilistas.

Findaram nesta última frase as declarações do dr. sr. Adrião Castanheira. Aproveitamos o momento para colocarmos a seguinte pergunta capital:

—E atenderá o Estado às justíssimas e utilíssimas reclamações dos alunos? —Ligeira surpresa, repentinamente embarço. Depois, a resposta, piadosamente dita, com melancólico cuidado:

—O Estado pode atender-las. —Concordamos. Mas quererei —Certamente.

—Nesses casos o Estado pode e quer. —Exactamente.

Tentámos uma afirmação conclusiva. Nesse intuito dissemos do Estado o que Mafoma não disse do toucinho, pintámos com negro e exacto colorido a sua rotina, a sua tradicional má vontade. O nosso entrevistado ouviu... ouviu e a seguir respondeu as seguintes frases que além de nos esclarecerem acerca da sua opinião serviram para fechar a entrevista:

—O Estado pode atender as reclamações dos alunos. E não se pode recusar a atendê-las porque elas resultam em seu benefício. Se é certo que ele podia argumentar que as decisões tomadas no Congresso representariam um aumento de despesa, também é bom recordar que a receita seria compensadora. Por o terra em valor equivalente a analisar o valor dos homens que a habitam. E que mais pode valorizar o homem que a instrução, o ensino técnico e a educação?

—Essa obrigatoriedade reclamada é útil e justa. Util aos operários, porque os valoriza sob o ponto de vista técnico. Além disso, existindo uma maior consciência do trabalho que se executa, o esforço realizado é mais produtivo e menos penoso e o número dos acidentes do trabalho diminui. Util aos patrões porque valorizando a mão de

UMA COMÉDIA... C. G. T. Conselho Confederal

Para assunto de alta importância reúne extraordinariamente, hoje, às 21 horas.

A Revolução Búlgara

Morte de Stambolinsky

Grande Comissão Pro «A Batalha»

Reúne hoje, às 20 horas, pedindo-se a comparencia de todos os seus componentes, dada a excepcional importância dos assuntos a tratar.

PELA BULGÁRIA

Uma ditadura sangrenta

Os crimes do ditador Stambolisky, que está pagando agora o mal que fez

Proseguimos hoje e concluímos o relato das perseguições que Stambolisky fez na Bulgária aos anarquistas. Este relato é de grande utilidade, por ele podem os leitores avaliar do carácter do ditador que tam ruidosamente acaba de cair.

Refere a carta a que ontem aludimos: «Durante o dia 28 de Março, prenderam 14 camaradas. Foram todos massacrados. A um deles, Pano Botchkoff, operário alfaiate, 30 anos, arrancaram-lhe os olhos antes de o matar. Quase todos foram mutilados. Três dos massacrados eram alunos da escola normal da cidade, quasi crianças, de 16 a 17 anos de idade. Um outro jovem, de idade de 16 anos, Obreténoff, foi preso pela simples razão de se encontrar anarquista. Cortaram-lhe as mãos. Conseguiram escapar-se aos seus carrascos, mas perseguiram-no, prenderam-no de novo e mataram-no na prisão da caserna. No dia seguinte as detenções prosseguiram em todas as habitações da cidade opuseram-se a que os presos fossem conduzidos às casernas e fecharam-nos nos comissariados de polícia.

Foi presa ao mesmo tempo a nossa camarada Vessa Lléssova, professora de filosofia na escola normal que quiseram fustigá-la, mas todos os professores da cidade, bem como diferentes associações de mulheres se interessaram pela sua sorte e a autoridade viu-se obrigada a interná-la na prisão Sliven, de onde saiu há poucos dias. Ela foi demitida e as aulas superiores da escola normal de Iamboli encontra-mse fechadas.

Uma professora de filosofia prestes a ser fuzilada

As prisões estão cheias de camaradas, que continuam a massacrar sob o pretexto de que tentam evadir-se. Assim, os camaradas Dragneff e os irmãos Kratounkoff foram eles mesmos entregues à polícia, porque os pais do primeiro e as esposas e filhos dos outros dois foram presos e massacrados. Querem prender e que preferiam refugiar-se nas montanhas a cair nas mãos dos carrascos. Há alguns dias apenas, em 24 de Abril, um mês depois dos acontecimentos de Iamboli, estes três camaradas foram conduzidos de Iamboli a Sliven a pé, a despeito de existirem caminhos de ferro. A dois quilómetros de Sliven, ao atravessar uma pequena floresta, foram mortos pelos soldados que os conduziam, sob o eterno pretexto de que «pretendiam fugir». Os assassinos esqueceram-se de que esses três camaradas não tinham razão para fugir, visto que eles próprios se apresentaram à polícia.

Em 19 do mesmo mês, o camarada George Domoustchieff, irmão de Angel Domoustchieff, assassinado em Sofia em

24 de Março, foi por sua vez assassinado na caserna de Iamboli.

Os últimos crimes

Os últimos crimes de que tenho conhecimento são os cometidos contra os camaradas de Kotel: Kotel Tineff, Nicolas Quanteff e Denio Dimeloff, massacrados e mutilados em 29 de Abril, quando os transferiam para a prisão de Sliven.

Creio que estes factos bastam para demonstrar ao mundo em que bárbaro regime cada um de nós contra os seus dias, mesmo as horas que lhe resta viver.

Um regime político que reflete uma tirania brutal misturada com a mais crassa ignorância dos seus dirigentes, de baixa moral e de bestial instintos militares. A imprensa burguesa não ousa aplaudir, mas aprova o com o seu silêncio. O silêncio absoluto sobre os crimes e perseguições que se cometem contra os anarquistas é o mot d'ordre da burguesia. Infelizmente a imprensa socialista e bolchevista apenas regista os factos—e eis tudo. As eleições parlamentares recentes absorveram-lhes todo o tempo e toda a atenção.

Era este o ambiente político que se via na Bulgária antes da revolução que depoz o Stambolisky. Está no poder outra corrente política, como procederá ela para com os avançados?

Aguardamos informações.

A VOLTA AO MUNDO EM AVIÃO

SACADURA CABRAL

afirma que, se for preciso, o Estado nada terá de dispendir com o grande empreendimento em projecto

E alude aos selos comemorativos da travessia do Atlântico

Do aviador sr. Artur Sacadura Cabral recebemos a carta que a seguir publicamos. É uma carta admirável para quem souber ler nas entrelinhas. Nela se sova, com razão, aliás, os receios e a incêrnia do Estado que gasta um dinheirão louco na propaganda dum empréstimo ruinoso e tem medo de auxiliar a viagem em torno do mundo.

Sr. Director: Muito e muito obrigado pela forma como o seu jornal trata o assunto da viagem de circumnavegação aérea e mil agradecimentos pelas amáveis referências que me faz.

Permita-me porém que lhe peça ainda um cantinho para aclarar um ponto que, para muitos portugueses que infelizmente não vêm longe, é de grande importância. Trata-se da despesa a fazer com a viagem.

Como diz no relatório essa despesa compende: a) Aquisição de material de aviação; b) Gastos com os navios-apoios.

a) Quanto à primeira verba, a Aviação Marítima não precisa de pedir um centavo ao governo. Os 6 aparelhos que estão adquirindo (3 que normalmente serão utilizados durante a viagem e 3 que constituirão reserva) assim com alguns sobressalentes, gasolina, óleo, etc., pode tudo adquirir-se com 30.000 libras, importância que obterei com os 3.000 contos que há-de vir dos concessionários do contrato dos selos. Há gente timorata que recia que do negócio das Finanças um crédito de 30.000 libras mas compreende-se bem que apenas lhe pediam que me adiantasse essa quantia à conta da receita de 3.000 contos que devem entregar os concessionários dos selos e isto para desde já fazer face às primeiras despesas da aquisição do material. Se o ministério das Finanças tiver dificuldade em o fazer ou não quiser fazer, eu recorro às 18.000 libras das subscrições para fazer essas primeiras despesas. Devo frisar que, tanto a receita dos selos como a das subscrições vieram ou há-de vir do bolso dos particulares e por isso, repito, o Estado não dispende um centavo com a aquisição do material.

b) Quanto à despesa com os navios-apoios está calculada friamente pelo largo em cerca de 16.000 libras por na-

vio. A minha amizade e o meu reconhecimento pelo ministério da marinha não consentiam que lhe apresentasse orçamentos fantasmas.

Se o Brasil aceitar o nosso convite, enviarei um dos navios e não custaremos as despesas do outro. Nestas condições o ministro da Marinha quando interrogado respondeu «Dentro das verbas do orçamento de marinha—carvão, venciamentos, etc.—posso facilmente custear as despesas do navio».

Em lugar de aplicar essas verbas a fazer andar no mar qualquer outro navio aplicá-las a fazer andar o navio que servirá de apoio. Como até hoje ainda se não deu o facto de qualquer ministério chegar ao fim do ano económico com saldo na sua despesa orçamentada, podemos ter a certeza que o facto continuará a dar-se quer a viagem se faça ou não, e que as 16.000 libras que calculo seja com o navio-apoio ou de qualquer precisas, terminarão por se gastar por outra forma.

Resta-me considerar o caso de o Brasil, por quaisquer razões, não aceitar o convite.

É minha opinião pessoal que ainda neste caso devemos fazer a viagem de circumnavegação dirigindo ao Brasil, não por razões de ordem financeira, não para arcar com as despesas da viagem, mas porque a cooperação na viagem de circumnavegação, não deixei por isso de autorizar que dois dos vossos pilotos nela venham tomar parte, sem dispendio para o Governo Brasileiro, porque o nosso intuito convidando-vos foi sempre e unicamente provocar um maior estreitamento de relações com o Brasil.

Nestas condições teríamos de arcar com uma despesa de 16.000 libras para o segundo navio-apoio. É possível que o ministro da Marinha, ainda dentro do seu orçamento, possa com esta despesa, mas se assim não for, eu não tenho dúvida em afirmar e em garantir que os meus haveres pessoais que os portugueses de aquém e de além-Atlântico en-

OS TRIPLUÇÕES DOS VAPORES DE PESCA

RELATAM-SE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

As tripulações dos vapores de pesca, terem apresentado aos armadores de arrendamento, devido ao desproporcionado aumento do custo da vida e ainda aos que por estes fossem respeitados, os armadores, resolvidas as condições anteriores. Chamaram, em Abril, pedir, por intermédio do Comissário das suas associações (pescadores e fidejantes, este disse-lhes que para garantir a vida, um pequeno aumento de sala pública, caso os navios não fossem os que os puzesse ao abrigo das suaspostas a trabalhar, ele Comissário to-elevadas despesas, ficando, em princípio, medidas energéticas, aproveitando pio, esperanças devido à troca depeça esse fim a oferta das classes.

Nessa ocasião apresentaram os armadores, ao Comissário uma plataforma para solução do conflito que reduzia o salário dos tripulantes e assim beneficiados do que diziam.

Em face desta atitude as classes resolveram responder-lhes com uma paralisação, de que resultado, apesar de todos os esforços empregados, serem presos 27 camaradas.

As classes reuniram e, não sendo seu desejo que aqueles camaradas continuassem presos, deliberaram retomar o trabalho nas condições anteriores, ficando, porém, uma comissão a tratar do assunto, pedindo esta, em troca, a liberdade daqueles camaradas, o que conseguiu.

Sucedeu, entretanto, que as tripulações dos vapores "Boa Esperança" e "Neptuno", que haviam sido encarceradas, quando de regresso da viagem, declararam não mais seguir para o mar com os seus capitães, devido ao incorrecto procedimento destes para com eles.

Desembarcadas estas tripulações por esse facto, as classes deliberaram desinteressar-se dos dois navios enquanto continuarem a bordo desses capitães, não lhes fornecendo pessoal mas dando liberdade aos armadores para tripularem os respectivos barcos, caso tenham facilidade em o fazer.

Como estes não vissem possibilidade para realizar tal, com o pessoal desejado, e ao mesmo tempo não quizessem destituir os respectivos capitães, enviaram as classes um ultimatum, declarando que, se no prazo de 24 horas, não lhes fosse fornecido o pessoal que desejavam para os seus navios, com os mesmos capitães, declarariam o "lock-out". As classes responderam ser-lhes impossível, tanto mais que não tinham exercido coacção de qualquer espécie, com o fim de evitar que pudessem contratar nova tripulação.

Apesar disso, quando terminou o prazo citado, declararam não sair navio algum para o mar.

Conheciam as classes as suas preferências, que eram, amarrar os barcos até ao fim do mês de Agosto, ocasião em que terminava, como eles disseram, a "época da palha". Quando estes senhores chamam "época da palha" aos tempos em que um navio chega a dar 50.000.000 numa viagem de 20 dias, o que chamariam à outra "época", considerada por eles a melhor?

Convidadas a comparecer no Comissariado dos Abastecimentos, as classes informaram o Comissário dos factos. Por este sr. foi dito que o seu desejo era o de garantir ao público o abastecimento do peixe, cuja falta iria de certo agravar o custo dos outros géneros. Declararam as classes que para esse fim estavam prontas a colaborar com todas as iniciativas, oferecendo imediatamente o seu concurso, visto

contrariar as 16.000 libras que seriam necessárias e não tinham devida em o garantir porque o nosso gesto convidando o Brasil a cooperar na viagem de circumnavegação, sem dispêndio para ele, vale muito mais que 16.000 libras. São as pessoas de vista curta poderão sustentar o contrário!

Não é preciso ser águia para prever que o Brasil, ao receber tal gentilharia, acabará por aceitar, por certo, porque o seu amor próprio que é tão justo e natural, porque é um país de grande futuro, rico e próspero, não gostaria de ver que dois brasileiros estivessem tomando parte na viagem de circumnavegação sem que ele para essa viagem tivesse concorrido monetariamente.

Admitindo, porém, que isso se não dava, e esta hipótese reputa-se improvável, o patriotismo e o orgulho português, sobretudo do português residente no Brasil, encontrariam as 16.000 libras para permitir ao governo português o ter esta gentilharia com o Brasil, terra que todos eles estimam e consideram como segunda pátria.

Haverá alguém que duvide que no Brasil existem pelo menos 16.000 portugueses prontos a subscreverem cada um com uma libra para tal fim? Eu não o duvido e é por isso que entendo que a viagem deva fazer-se de qualquer forma e que devemos andar para diante e rapidamente, deixando para depois resolver a resposta do Brasil ao convite que oficialmente lhe foi dirigido. O tempo urge e nós precisamos prepararmos-nos de forma que a viagem, uma vez decidida, terá de chegar ao fim e para isso é necessário não deixar as coisas para quando seja materialmente impossível realizá-las. Tenho responsabilidades morais para com o País mas para que possa assumi-las, no que não tenho dúvida, é necessário que me deem tempo para organizar a viagem para poder garantir que terá sucesso.

Eis os factos que levo ao conhecimento do País e se este quizer, por exemplo pelas suas câmaras municipais, dizer-me com brevidade o que pensa sobre o assunto, muito prazer me daria apesar de antecipadamente estar convencido de que me apoiaria incondicionalmente.

Seu muito amigo e muito obrigado
Artur de Sacadura CABRAL

Instrução

Exames de admissão às E. P. S.
Foram autorizados, no presente ano, exames de admissão às escolas primárias superiores, os quais deverão começar logo que terminem os exames finais do 3.º classe e estar concluídos no fim do mês de Julho. As provas serão de aquelas exames são os da 4.ª classe do ensino primário geral.

A BATALHA

HOJE QUE SE EFECTUA

o grande sorteio do



DE DION BOUTON

246 e 2746 - Artur Alcobia Púrviz	1754 e 4254 - Cândido M. Moreira
250 e 2750 - José Augusto Martins	1575 e 4075
254 e 2754 - José Malheiros	1578 e 4078
261 e 2761 - José Ferreira C. Silva	1579 e 4079
300 e 2800 - Armando P. Guia	1580 e 4080
301 e 2801 - Boaventura N. Canha	1581 e 4081
303 e 2803 - Aliparra	1582 e 4082
304 e 2804 - António Rosa Silva	1583 e 4083
305 e 2805 - Adriano Tibúrcio	1585 e 4085
306 e 2806 - João de Matos	1753 e 4253 - José Fernandes Paulo
307 e 2807 - Manuel Jesus Silva	1752 e 4252 - Joaquim Ferreira Sousa
308 e 2808 - Brígido	1842 e 4342
309 e 2809 - José Batista Ribeiro	1935 e 4435 - Jaime Dias Ferreira
310 e 2810	6873 e 9373
311 e 2811 - Felix dos Santos	1913 e 4413 - Manuel Correia
312 e 2812	1914 e 4414 - José Domingos Silva
313 e 2813 - R. Jobelim C. Nobre	1915 e 4415 - Delfim B. Damas
314 e 2814 - António G. Almeida	1917 e 4417 - Joaquim Pimenta
315 e 2815 - Francisco Nalva	1918 e 4418 - José Domingos Aleixo
611 e 3111 - Artur Garcia	1936 e 4436 - João Cândido Loureiro
612 e 3112 - João Cunha Rato	1938 e 4438 - Viana do Castelo por telegrama
613 e 3113 - Silvina Silva	1939 e 4439 - António D. Lurdo
614 e 3114 - João Barata	1940 e 4440 - José Amaro
615 e 3115 - Amílcar Tomás	2117 e 4617 - Joaquim Nordam
616 e 3116 - Beatriz Tomás	2118 e 4618 - Adriano Pimenta
617 e 3117 - Américo A. Castanheira	2119 e 4619 - José António Patato
618 e 3118 - Mário Silva e sócios	2120 e 4620 - Virgílio Marques
619 e 3119 - Manuel Martins	2122 e 4622 - José Teixeira
620 e 3120 - José Luis Guerra	2125 e 4625 - Francisco Teixeira
633 e 3133 - Joaquim Correia	2161 e 4661 - Armado Duarte
748 e 3248 - Carlos Corales	2162 e 4662 - Grupo dos Assadés (2.º)
1097 e 3597	2163 e 4663 - jantar
1100 e 3600 - Joaquim Paiva	2286 e 4786 - Joaquim Correia
1101 e 3601	2288 e 4788 - Rosalina T. Fonseca
1102 e 3602	5861 e 8361 - Manuel Luis Alves
1103 e 3603 - João M. Monteiro	5866 e 8366 - António D. Lindo
1104 e 3604 - Alberto Silva	6259 e 8759 - Manuel Martins
1105 e 3605 - Francisco R. Conceição	6260 e 8760 - António Paiva
1106 e 3606 - Francisco Fernandes	6737 e 9237 - Augusto Oliveira
1109 e 3609 - Artur Aleixo	6738 e 9238 - José Peixoto Branco
1117 e 3617 - Francisco R. Conceição	6740 e 9240
1118 e 3618 - Firmino J. Duarte	6739 e 9239 - José Augusto Lemos
1127 e 3627 - Franc. R. Conceição	6741 e 9241 - Aveleiro Alves Mendes
1128 e 3628 - Sindicato dos Manufac-	6742 e 9242 - António Soares
1129 e 3629 - Torres de Calgado	6874 e 9374 - José Luis Costa Neves
1130 e 3630 - Manuel Tavares	6875 e 9375 - Hugo e Ilda Cascais
1131 e 3631 - Aires A. Silva	6902 e 9402 - Maria Celestina
1132 e 3632 - Luisa Elena de Sousa	6903 e 9403 - Joaquim Celestino
1133 e 3633 - António C. G. Ribeiro	7203 e 9703 - Manuel H. Pais
1142 e 3642 - Henrique Firme	7204 e 9704 - Filipe Guerreiro
1143 e 3643 - Germano Machado	7205 e 9705 - Marinho Tomás
1230 e 3730 - Comandante Operária A	7206 e 9706 - Artur Pereira
1441 e 3741 - João José Bisarro	7207 e 9707 - Higinio Guerreiro
1453 e 3953 - Joaquim Moreira	7208 e 9708 - José Dias
1454 e 3954 - Augusto Jorge	7210 e 9710 - Domingos Pavia
1569 e 4069 - Elísio de Sousa	7395 e 9895 - Maria Luis Barroto
1572 e 4072 - Aurélio Esteves	7396 e 9896 - N. Juvent. Sindicalista
1710 e 4210 - Joaquim M. Saavedra	7397 e 9897 - Vila R. S. António
1711 e 4211 - Joaquim Godinho	7398 e 9898 - José Nunes Quintas
1723 e 4223 - José M. Nunes	7399 e 9899 - José Maria Pinto
1724 e 4224 - António Abreu & C.ª	7400 e 9900 - Artur Correia Silva
1725 e 4225 - Joaquim Pereira Santos	7401 e 9901 - Manuel Soares
1726 e 4226 - António Neto	7402 e 9902
1727 e 4227 - António Neto	7403 e 9903 - Raúl Martins (Argentina)
1728 e 4228 - António Neto	7404 e 9904
1729 e 4229 - António Neto	7405 e 9905
1730 e 4230 - António Neto	7406 e 9906
1731 e 4231 - António Neto	7407 e 9907
1732 e 4232 - António Neto	7408 e 9908
1733 e 4233 - António Neto	7409 e 9909
1734 e 4234 - António Neto	7410 e 9910
1735 e 4235 - António Neto	7411 e 9911
1736 e 4236 - António Neto	7412 e 9912
1737 e 4237 - António Neto	7413 e 9913
1738 e 4238 - António Neto	7414 e 9914
1739 e 4239 - António Neto	7415 e 9915
1740 e 4240 - António Neto	7416 e 9916
1741 e 4241 - António Neto	7417 e 9917
1742 e 4242 - António Neto	7418 e 9918
1743 e 4243 - António Neto	7419 e 9919
1744 e 4244 - António Neto	7420 e 9920
1745 e 4245 - António Neto	7421 e 9921
1746 e 4246 - António Neto	7422 e 9922
1747 e 4247 - António Neto	7423 e 9923
1748 e 4248 - António Neto	7424 e 9924
1749 e 4249 - António Neto	7425 e 9925
1750 e 4250 - António Neto	7426 e 9926
1751 e 4251 - António Neto	7427 e 9927
1752 e 4252 - António Neto	7428 e 9928
1753 e 4253 - António Neto	7429 e 9929
1754 e 4254 - António Neto	7430 e 9930
1755 e 4255 - António Neto	7431 e 9931
1756 e 4256 - António Neto	7432 e 9932
1757 e 4257 - António Neto	7433 e 9933
1758 e 4258 - António Neto	7434 e 9934
1759 e 4259 - António Neto	7435 e 9935
1760 e 4260 - António Neto	7436 e 9936
1761 e 4261 - António Neto	7437 e 9937
1762 e 4262 - António Neto	7438 e 9938
1763 e 4263 - António Neto	7439 e 9939
1764 e 4264 - António Neto	7440 e 9940
1765 e 4265 - António Neto	7441 e 9941
1766 e 4266 - António Neto	7442 e 9942
1767 e 4267 - António Neto	7443 e 9943
1768 e 4268 - António Neto	7444 e 9944
1769 e 4269 - António Neto	7445 e 9945
1770 e 4270 - António Neto	7446 e 9946
1771 e 4271 - António Neto	7447 e 9947
1772 e 4272 - António Neto	7448 e 9948
1773 e 4273 - António Neto	7449 e 9949
1774 e 4274 - António Neto	7450 e 9950
1775 e 4275 - António Neto	7451 e 9951
1776 e 4276 - António Neto	7452 e 9952
1777 e 4277 - António Neto	7453 e 9953
1778 e 4278 - António Neto	7454 e 9954
1779 e 4279 - António Neto	7455 e 9955
1780 e 4280 - António Neto	7456 e 9956
1781 e 4281 - António Neto	7457 e 9957
1782 e 4282 - António Neto	7458 e 9958
1783 e 4283 - António Neto	7459 e 9959
1784 e 4284 - António Neto	7460 e 9960
1785 e 4285 - António Neto	7461 e 9961
1786 e 4286 - António Neto	7462 e 9962
1787 e 4287 - António Neto	7463 e 9963
1788 e 4288 - António Neto	7464 e 9964
1789 e 4289 - António Neto	7465 e 9965
1790 e 4290 - António Neto	7466 e 9966
1791 e 4291 - António Neto	7467 e 9967
1792 e 4292 - António Neto	7468 e 9968
1793 e 4293 - António Neto	7469 e 9969
1794 e 4294 - António Neto	7470 e 9970
1795 e 4295 - António Neto	7471 e 9971
1796 e 4296 - António Neto	7472 e 9972
1797 e 4297 - António Neto	7473 e 9973
1798 e 4298 - António Neto	7474 e 9974
1799 e 4299 - António Neto	7475 e 9975
1800 e 4300 - António Neto	7476 e 9976
1801 e 4301 - António Neto	7477 e 9977
1802 e 4302 - António Neto	7478 e 9978
1803 e 4303 - António Neto	7479 e 9979
1804 e 4304 - António Neto	7480 e 9980
1805 e 4305 - António Neto	7481 e 9981
1806 e 4306 - António Neto	7482 e 9982
1807 e 4307 - António Neto	7483 e 9983
1808 e 4308 - António Neto	7484 e 9984
1809 e 4309 - António Neto	7485 e 9985
1810 e 4310 - António Neto	7486 e 9986
1811 e 4311 - António Neto	7487 e 9987
1812 e 4312 - António Neto	7488 e 9988
1813 e 4313 - António Neto	7489 e 9989
1814 e 4314 - António Neto	7490 e 9990
1815 e 4315 - António Neto	7491 e 9991
1816 e 4316 - António Neto	7492 e 9992
1817 e 4317 - António Neto	7493 e 9993
1818 e 4318 - António Neto	7494 e 9994
1819 e 4319 - António Neto	7495 e 9995
1820 e 4320 - António Neto	7496 e 9996
1821 e 4321 - António Neto	7497 e 9997
1822 e 4322 - António Neto	7498 e 9998
1823 e 4323 - António Neto	7499 e 9999
1824 e 4324 - António Neto	7500 e 10000

BILHETES IGNORADOS

1.º números dos bilhetes enviados a vários organismos e camaradas e que até ontem, à meia noite, não foram liquidados.
Segundo a declaração impressa em todos os bilhetes: **Só se consideram válidos para entrar no sorteio os números que com o nome do seu possuidor sejam publicados em A BATALHA.**
E por não terem sido liquidados os da 1.ª lista e serem devolvidos os da 2.ª ficam os bilhetes com os números respectivos, de posse da comissão pró-A BATALHA, com os quais se habilita ao grande sorteio.

562 572 584 594 606 630 728 1326 5644 5666 5728 5762 5832 6186 6196	563 573 585 596 607 632 729 1327 5657 5667 5733 5763 5845 6187 6197	564 574 586 597 608 633 730 1328 5658 5668 5734 5764 5846 6188 6198	565 575 587 598 609 634 731 1329 5659 5669 5735 5765 5847 6189 6199	566 576 588 599 610 635 732 1330 5660 5670 5736 5766 5848 6190 6200	567 577 589 600 611 636 733 1331 5661 5671 5737 5767 5849 6191 6201	568 578 590 601 612 637 734 1332 5662 5672 5738 5768 5850 6192 6202	569 579 591 602 613 638 735 1333 5663 5673 5739 5769 5851 6193 6203	570 580 591 602 613 639 736 1334 5664 5674 5740 5770 5852 6194 6204	571 581 592 603 614 640 737 1335 5665 5675 5741 5771 5853 6195 6205	572 582 593 604 615 641 738 1336 5666 5676 5742 5772 5854 6196 6206	573 583 594 605 616 642 739 1337 5667 5677 5743 5773 5855 6197 6207	574 584 595 606 617 643 740 1338 5668 5678 5744 5774 5856 6198 6208	575 585 596 607 618 644 741 1339 5669 5679 5745 5775 5857 6199 6209	576 586 597 608 619 645 742 1340 5670 5680 5746 5776 5858 6200 6210	577 587 598 609 620 646 743 1341 5671 5681 5747 5777 5859 6201 6211	578 588 599 610 621 647 744 1342 5672 5682 5748 5778 5860 6202 6212	579 589 600 611 622 648 745 1343 5673 5683 5749 5779 5861 6203 6213	580 590 601 612 623 649 746 1344 5674 5684 5750 5780 5862 6204 6214	581 591 602 613 624 650 747 1345 5675 5685 5751 5781 5863 6205 6215	582 592 603 614 625 651 748 1346 5676 5686 5752 5782 5864 6206 6216	583 593 604 615 626 652 749 1347 5677 5687 5753 5783 5865 6207 6217	584 594 605 616 627 653 750 1348 5678 5688 5754 5784 5866 6208 6218	585 595 606 617 628 654 751 1349 5679 5689 5755 5785 5867 6209 6219	586 596 607 618 629 655 752 1350 5680 5690 5756 5786 5868 6210 6220	587 597 608 619 630 656 753 1351 5681 5691 5757 5787 5869 6211 6221	588 598 609 620 631 657 754 1352 5682 5692 5758 5788 5870 6212 6222	589 599 610 621 632 658 755 1353 5683 5693 5759 5789 5871 6213 6223	590 600 611 622 633 659 756 1354 5684 5694 5760 5790 5872 6214 6224	591 601 612 623 634 660 757 1355 5685 5695 5761 5791 5873 6215 6225	592 602 613 624 635 661 758 1356 5686 5696 5762 5792 5874 6216 6226	593 603 614 625 636 662 759 1357 5687 5697 5763 5793 5875 6217 6227	594 604 615 626 637 663 760 1358 5688 5698 5764 5794 5876 6218 6228	595 605 616 627 638 664 761 1359 5689 5699 5765 5795 5877 6219 6229	596 606 617 628 639 665 762 1360 5690 5700 5766 5796 5878 6220 6230	597 607 618 629 640 666 763 1361 5691 5701 5767 5797 5879 6221 6231	598 608 619 630 641 667 764 1362 5692 5702 5768 5798 5880 6222 6232	599 609 620 631 642 668 765 1363 5693 5703 5769 5799 5881 6223 6233	600 610 621 632 643 669 766 1364 5694 5704 5770 5800 5882 6224 6234	601 611 622 633 644 670 767 1365 5695 5705 5771 5801 5883 6225 6235	602 612 623 634 645 671 768 1366 5696 5706 5772 5802 5884 6226 6236	603 613 624 635 646 672 769 1367 5697 5707 5773 5803 5885 6227 6237	604 614 625 636 647 673 770 1368 5698 5708 5774 5804 5886 6228 6238	605 615 626 637 648 674 771 1369 5699 5709 5775 5805 5887 6229 6239	606 616 627 638 649 675 772 1370 5700 5710 5776 5806 5888 6230 6240	607 617 628 639 650 676 773 1371 5701 5711 5777 5807 5889 6231 6241	608 618 629 640 651 677 774 1372 5702 5712 5778 5808 5890 6232 6242	609 619 630 641 652 678 775 1373 5703 5713 5779 5809 5891 6233 6243	610 620 631 642 653 679 776 1374 5704 5714 5780 5810 5892 6234 6244	611 621 632 643 654 680 777 1375 5705
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---------------------------------------

As lutas operárias por melhoria de salário

O melhor salário é ainda insuficiente. — «Déficits» orçamentais saldados a custa dos «déficits» de alimentação. — O operariado só tem um recurso para fazer face á carestia da vida: — a luta pelos salários mais altos

No artigo inserto neste jornal, em 3 do corrente, em resposta ao *Diário de Notícias*, afirmamos e demonstramos: 1.º Que o facto de se verificar uma certa estabilidade na divisa cambial nos últimos três meses, não determinará uma depressão nos preços das coisas, antes se assinalava o maior preço de alguns produtos.

2.º — Que a situação económica dos operários, em qualquer país, pode melhorar não obstante o agravamento da situação financeira desse mesmo país (tal é o caso de Portugal) e que é geralmente nos países de câmbios altos, afectados pelo *«cambio»*, onde se torna possível a política da redução dos salários (tal é o caso da Inglaterra e Estados Unidos).

3.º — Que em Portugal, depois de Junho de 1914, o nível ascensional dos salários operários ultrapassou o nível do custo de vida no mesmo período.

4.º — Que as chamadas profissões liberais, por deficiências de organização de defesa e de espírito de luta, não conseguiram que os seus vencimentos atingissem o nível do custo de vida.

5.º — Que a percentagem dos salários contida nos preços dos produtos é hoje menor do que em 1914.

6.º — Que provada a eficiência da organização e da greve na conquista dos salários altos, o proletariado deve incessantemente e em seu proveito manobrar estas armas.

Hoje importa fazer outra demonstração: — o salário médio mais elevado é ainda insuficiente para os encargos actuais do casal operário.

Conclusão:

Receita	455\$00
Despesa	500\$10
Déficit	45\$10

Em referência ao orçamento apresentado há a fazer as seguintes observações:

A verba da renda da casa é muito oscilante. Há ainda quem more em casas antigas e cujas rendas não vão além de 20\$00. Mas há muitas famílias operárias que habitam partes de casas pagando as quais pagam de 60\$00 a 120\$00 e até 150\$00. Portanto fixando em 45\$00 a renda da casa operária não exageramos.

Vejam a verba destinada ao vestuário e calculemos assim o consumo por ano para o chefe do casal:

Um fato	360\$00
Um par de botas	90\$00
Um chapéu	35\$00
Roupas brancas, peúgas, etc.	45\$00
Total	530\$00

Se juntarmos outro tanto para o vestuário da mulher e filhos teremos 1.660\$00 por ano ou 883\$33 por mês e nós pagamos apenas 75\$00.

Vejam a rubrica *Diversos* e lembrem-se que nela estão incluídos os legumes verdes, hortaliças e as mil despesas medidas. Recordamos alguns preços:

Couve portuguesa, uma	\$60
mercearia, uma	\$90
Ervilhas, quilo	\$60
Feijão corralito, quilo	\$240

500\$10

Ovos, dúzia..... 4\$00
Leite, litro..... 1\$20

Também aqui não pode haver exagero no cálculo de 2\$50 por dia.

E não incluímos algumas despesas que seria legítimo incluir como divertimentos, jornais e outras publicações, etc., etc.

Acabamos de ver que o operário melhor pago, o alfaiate, não ganha nada de suficiente.

Que dizer então dos salários mais baixos?

Um carpinteiro, com o salário médio de 12\$00, trabalhando os 26 dias úteis de cada mês, consegue a receita mensal de 312\$00. O seu «déficit» mensal é pois de 188\$10. Um pavor!

E como se cobre este «déficit»?

São há duas maneiras de consegui-lo: 1.º Por subsídios extraordinários de trabalho do chefe do casal, da mulher ou dos filhos; 2.º Pela redução das despesas isto é, a custa dum «déficit» de alimentação.

Ah! sim, nós bem o sabemos. O custo do salário é o círculo vicioso! Que querem então? Que o operário se ocupe das cooperativas e das leis de fomento agrícola e industrial que há de produzir a abundância?

Lérias, meus amigos, lérias.

Já se provou suficientemente que o aumento de salário não conseguindo tudo já conseguiu alguma coisa.

E' andar para frente e deixar que os cães ladrem á lua...

“A BATALHA” NA Província e nos Arredores

CASCAIS 14 DE JUNHO

O preço do pão

E' amanhã que desaparece o fabrico dos chamados pães de luxo, em obediência ao edital administrativo que permitiu o aumento de 10 centavos em quilo. Veremos como se portam os padeiros e as autoridades. O pão tem obrigação de ser melhor, visto que a farinha fina que até aqui era explorada, passa a fazer parte do tipo único. E' conveniente que o proletariado exerça uma rigorosa fiscalização sobre isto e se não deixá-lo roubar pelos careceiros.

GUARDA 13 DE JUNHO

O Montepio Egitanense

No Coliseu da Beira reuniu hoje um grupo de sócios do Montepio Egitanense, uns oitenta, pouco mais ou menos, a fim de, conforme a convocação afixada, serem revogadas as resoluções tomadas numa assembleia anterior.

Mas esses sócios, que redimiam talvez conveniências de que se cumpriria a letra dos estatutos e que eram, na sua maior parte, dos que assinavam o requerimento da convocação, ficaram desapaixonados. No local da assembleia não compareceu nem presidente da assembleia geral, nem secretário, nem empregado da casa, nem qualquer entidade que pudesse apresentar o livro de actas ou dar quaisquer outros esclarecimentos.

Uma comissão foi procurar as entidades competentes e abriu discussão acérrima, pretendendo aqueles senhores convencer os comissionados de que a reunião não poderia realizar-se hoje por não existir maioria de sócios, ficando, por isso, a assembleia para daqui a 8 dias.

Mas que pagadeira!

O que se vê na Guarda não se vê em mais parte alguma!

Então os estatutos não são bem claros, no seu § 11.º, do artigo 51.º, quando dizem que não comparecendo maioria dos 20 sócios requerentes, não pode reunir-se novamente para o mesmo fim; podendo, no entanto, os sócios que comparecerem tomar conhecimento do assunto e discutí-lo?

Querem convencer-nos de que este preceito diz referência á segunda convocação. E' célebre!

Então para que serve o disposto no artigo 5.º, do 4.º do mesmo artigo, que diz que na segunda convocação se resolve com qualquer número?

Se se resolve com qualquer número não é necessário falar-se em maioria nem minoria. Resolve-se. Não tem que se falar em tomar ou não conhecimento do assunto faz-se tudo dum só vez.

PENICHE 14 DE JUNHO

Conflito dos operários soldadores

Continua sem solução o conflito dos operários soldadores com a Sociedade Peninsular de Conservas, Lda, que persiste em não pagar aos seus operários o salário do mês a que tem direito, visto serem arbitrariamente despedidos. O administrador do conselho, a quem providências foram solicitadas, recusou-se terminantemente a atender a comissão de soldadores que para esse fim fora nomeada, certamente porque a sua condição de operário não é de molde a permitir que se perturbe o sossego de tão ilustres cavalheiros com importunas futilidades...

LISBOA NA RUA

Quedas

Na enfermaria infantil do hospital Estefânia, deu entrada Américo José Coelho Saldanha, de 3 anos, filho de Américo Dias Saldanha e de Isaura Coelho Saldanha, residente em Cascais, que na Avenida Valbom, 16, caiu de um muro, fracturando a perna direita.

Na enfermaria n.º 7 do hospital do Desterro, deu entrada Manuel Pereira, de 60 anos, serralheiro, residente na rua das Escolas Gerais, 55, 2.º, que na rua Nova do Almada deu uma queda, ficando contuso pelo corpo.

Na enfermaria de Santo Onofredo hospital de São José deu entrada Joaquim Pereira dos Reis, de 37 anos, serralheiro, residente no Seixal, que na fábrica de cortiça na mesma localidade, caiu de um telhado, ficando contuso pelo corpo.

No banco do hospital de São José recebeu curativo Francisco Lopes, de 45 anos, carroceiro da Empresa Geral de Transportes, que na Praça da Figueira, caiu da carroça que guiava, ficando ferido na cabeça.

Tentativa de suicídio

Na enfermaria de Santa Isabel do hospital de São José, deu entrada Mariana de Jesus, de 55 anos, servicial residente na Travessa do Terreiro, 36, 2.º, (a Santa Catarina), que tentou suicidar-se.

PELAS COLÓNIAS

A peste e a fome em Cabo Verde

O deputado por Cabo Verde, sr. coronel Viriato de Fonseca, procurou ontem o sr. ministro das colónias, a quem pediu energias e urgentes providências no sentido de se promover o saneamento nos pontos onde existe a terrível epidemia de lávra, enviado-se variação e soro de primeira qualidade.

Também pediu que se acuda á ilha de Santo António, a fim de se evitar que os seus indígenas morram de fome e que não se leve a efeito a transferência da estação rádio telegráfica da ilha de S. Nicolau para a ilha do Fogo.

Festa de solidariedade

Na Sociedade Recreio Operário «A Portugal» realizou-se pelas 21 horas de hoje e promovida por uma comissão de sócios uma festa em auxílio do camarada da construção civil Carlos Ferreira, preso, por delito de carácter social, no grupo 3 da cadeia do Limoeiro.

AGREMIACÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade «Os 21»

Manufactores de calçado — Reunião, pelas 21 horas.

cia do capitão, tentou ainda, antes de ceder á força, evitar o castigo, humilhando-se.

—E' bem certo que o provérbio: Depressa se apunha um mentiroso... Quiz inventar histórias; quiz parecer mais esperto do que sou; Aristides Kuválda! Tu já o suspeitavas... A verdade é que apenas recebi cem rublos.

—O quê?! — vociferou o capitão.

—E' como te digo... Cem, e não quatrocentos.

—Não sei quando mentiste; se então, se agora. Visto isso, dá-me apenas sessenta e cinco rublos. E' pouca coisa.

—Ah! Grande Deus! Aristides Kuválda, eu sempre tive contigo tantas atenções...

—Basta de palavras, neto de Judas! — Obedece... Da-las-ei... E Deus te castigará.

—Silêncio! Cala-te, verruga maldita! — gritou o capitão, arrebatado. — Deus já me castigou bastante, obrigando-me a lidar contigo e a aturar-te... Hã! de esborrachar-te, como se faz a uma simples mosca.

Levantou o punho e chegou-o á cara do taberneiro, cerrando os dentes com raiva.

Quando ele saiu, Vavilov pestanejava furiosamente e sorria despetado. Duas lágrimas turvas correram-lhe pelas faces, e quando chegou ao bigode, duas outras desceram já, seguindo as primeiras. Então Vavilov entrou no seu quarto e apertando em frente das imagens, sem respirar, sem se mover, deli-

TEATROS & CINEMAS

A festa dos artistas

Crece o entusiasmo pelo grandioso espectáculo que a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro efectua em seu benefício e da sua Caixa de Recreios e Pensões, no Coliseu dos Recreios, na próxima quinta-feira 21, com a revista «O 31» que conta mais de 2500 representações em Portugal e Brasil.

Além de um numeroso grupo de guitarristas e cantores da Canção Nacional, tomam parte os distintos artistas: Adélia Abranchin, Aura Abranchin, Adélia Rey Colaço, Ilda Stchini, Maria Matos, Irene Gomes, Eduardo Brazão, José Ricardo, Joaquim Costa, Alexandre de Azevedo, Robles Monteiro, Erico Braga, Adélia Fernandes, Justina de Magalhães, Mendonça de Carvalho, Estevam Amarante, Lucília Simões, Luisa Satanela, Mercedes Blasco, Ema de Oliveira, Celeste Leitão, Alice Pancada, António Pinheiro, Pinto Grijó, António Sacramento, Gil Ferreira, Alfredo Ruas, António Gomes (do Apolo), António Gomes (da Trindade), Alves da Silva, Silvestre Alegria, António Garcia possivelmente Eitelvina Serra e Ferreira da Silva.

Os bilhetes para este espectáculo marcaram-se na sede da A. C. T. T., rua do Mundo, 81, 2.º.

O sarau da imprensa

Um interesse invulgar está despertando o grandioso sarau que a Associação de Imprensa realiza na próxima quinta-feira na magestosa sala do Coliseu dos Recreios e ao qual prestam o seu concurso os mais ilustres artistas portugueses, tanto de música como de canto e de teatro.

O programa está dividido em 4 partes a saber: 1.º discursos e variedades; 2.º, grande acto de concerto; 3.º, apresentação de artistas, representantes dos teatros de Lisboa, pelo comediografo sr. André Brun; 4.º, grande concerto pela banda do comando geral da Guarda Republicana.

Festa de homenagem

Em homenagem a Lúg, Constantino, amador de prestidigitação, que bastante se tem distinguido nas festas de solidariedade operária, realizou-se no próximo domingo, 21 de Junho, no Centro Socialista de Lisboa, rua do Bemfornoso, 150, 2.º, um grandioso e atraente espectáculo levado a efeito por um grupo de amigos, no qual tomara parte o ilusionista Eduardo Relvas e a Troupe Artística «Amigos da Arte».

SOCIEDADES DE RECREIO

Lisboa-Club. — Realiza-se amanhã, como já noticiamos, neste clube, a festa a favor do «Glória Foot-Ball Club», subindo á scena o episódio social *«Amanhã»*.

Academia Verdi. — Celebrando o seu aniversário realiza hoje, pelas 21 horas, uma recita com um bem elaborado programa, em que toma parte o aplaudido Grupo Dramático Solidariedade Operária que representará um drama social.

Amanhã, ás 15 horas, realiza-se um interessante concerto musical, pela banda da Sociedade Recreio Artístico, e á noite há baile.

Solidariedade

Um apelo do S. U. da Construção Civil

O S. U. da Construção Civil convida os camaradas das obras a que façam queques em favor de Sebastião José Neves, impossibilitado de trabalhar há dois meses, embora não possam vir buscar listas á sede, onde o produto pode ser entregue ao continuo, sendo se encontrar presente na ocasião um delegado.

MALAS POSTAIS

Pelo vapor «Meduna» são hoje expedidas malas postais para Dakar, Baía de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires, sendo ás 7 horas a última tiragem da caixa geral.

Funcionalismo público

Na sua reunião de ontem a comissão central de reclamações do funcionalismo público, sobre melhoria de vencimento, continuou a tratar das reclamações do pessoal técnico do ministério do comércio, aumento de que voltará a ocupar-se na sessão de hoje.

Trabalhadores.

Lede A BATALHA

mos? Seis, e somos treze... Alexandre Maximovitch, enche!... Está pronto? Bravo!... Primeiro pelotão... fogão! Bberam, tossiram e começaram a comer.

—E o mestre-escola sem vir—disse o capitão.—Há três dias que não aparece... Ninguém o tem visto?

—Ninguém.

—Isto não é costume!... Tanto pior! Bebamos outra vez; bebamos á saúde de Aristides Kuválda, meu único amigo, que durante toda a minha vida me não tem abandonado um só instante. E que os diabos me levem, se eu não tinha ganho mais privando-me algum tempo à sua companhia... —disse o próprio Kuválda.

—Muito engenhoso! —insinuou o *Carga de Ossos*.

E pôs-se a tossir.

O capitão, olhando os companheiros com plena consciência da sua grande superioridade, comia silencioso.

Depois da segunda roda, a assistência animou-se rapidamente. Alguém manifestou com timidez o desejo de que Tarass contasse uma das suas histórias; mas o diácono estava discutindo com o *Bola*, defendendo a superioridade das touleiras delgadas contra as gordas, com toda a energia e pujança dum homem convencido em absoluto da certeza das suas opiniões. *Moldova*, destado de delirar para baixo, saboreando de delícia as frases mais convincentes do diácono, Martianov, com os olhos cabulados sobre os joelhos, contemplava em silêncio o garrafinho da aguardente, procurando apunhar com a

JULGAMENTO

Manuel da Silva Ferrinho foi o-tem absolvido.

Efectuou-se ontem o julgamento de Manuel da Silva Ferrinho, magnista da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, que era acusado de homicídio frustrado na pessoa do director da mesma Companhia, Ferreira da Mesquita, caso a que nos referimos largamente na devota oportunidade.

Era advogado de accusação o dr. Adolfo de Guimarães, estando a defesa a cargo do dr. Mário Monteiro, que falou durante duas horas, conseguindo com uma argumentação cheia de lógica pulverizar toda a accusação.

Manuel da Silva Ferrinho foi absolvido por unanimidade.

Porque não creio em Deus

QUEM É DEUS? OS MEIOS DE ACREDITAR EM DEUS. PORQUE SE ACREDITA EM DEUS PORQUE SE OBRIGA A ACREDITAR EM DEUS PORQUE NÃO É PRECISO ACREDITAR EM DEUS A CAMINHO DO IDEAL HUMANO

1 volume, 1\$00 — Pelo correio, 1\$20

Pedidos á administração de A BATALHA

Pedras para isqueiros

Metal! A ver, unicões que não se desluzam á mão boa feita, dúzia \$70. Isqueiros, rodas ócas e micasas, taboas, moias, pipas e tambores.

Única depósito que fornece para retenda.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Isqueiros

Pedras, rodas, moias, tampas e isca acilada

Largo do Conde Barão 55

(Casa do isqueiro á porta)

SAPATARIA

“Pavilhão Americano”

R. Marquês de Alagrete, 17

Onde se compra o melhor calçado pelo preço mais barato

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS para com as melhores inglesas.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo, solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18 (junto ao arco pequeno).

Gama

GRANDE VARIEDADE DE Bilhetes, fracções e cautelas para todas as LOTERIAS PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$50 por registo. Fornece para revender TELEFONE 4.020 NORTE PEDIDO A

F. SILVA GAMA

Rua Amparo, 51 — Lisboa

também preferível á gorda, porque gasta menos—dizia o diácono convencido.—A minha primeira mulher fazia um vestido com seis metros de pano, eo passo que a segunda precisava de 25. E á respeito de comer, na mesma proposição...

Tarass e meio soltou uma gargalhada; encorajando o diácono e mirando-o com o seu unico olho, disse tartamudeando:

—Eu também tive uma mulher... —Isso pode acontecer a qualquer exclamou o capitão.—Siga a comédia...

—Era delgada... e comia ferocemente... Morreu duma indigestão... —Envenenaste-la zangana! —Não; uma indigestão de arenques... —Digo-te que a envenenaste... insistiu o *Carga de Ossos*.

Era frequente, quando dizia algum disparate, insistir nele sem mais razões. Ao principio falava com obstinação pueril, depois ia-se encolhendo até se tornar fútil.

O diácono defendeu o seu companheiro.

—Não a matou... nem tinha motivo para isso.

—Pois eu digo que sim, que a envenenou... —rugiu o *Carga de Ossos*, furioso.

—Silêncio! —gritou o capitão, amedrontado.

(Continua)

N.º 43 16 DE JUNHO DE 1923

MAXIMO GORKI

FOLHETIM DE “A BATALHA”

Os Ex-homens

Por eu ter descoberto o negócio, dar-me-ão uns dez por cento. Vinde e cinco rublos á Filipe, que redigiu a coisa, e para todos os outros um garrafinho de aguardente e a coia. Combinado para os oito horas.

O taberneiro, esverdeado, e com os olhos muito abertos, contemplou o capitão.

—Diabo! Isso é um roubo! Não dou, não o posso dar... Vejamos Aristides Kuválda... Tem paciência... modera os teus appetites. Como tu te precipitas! Mas não, agora já não tenho medo... Agora...

Kuválda viu as horas.

—Concedo-te dez minutos para esse imobil arena. Depois de teres desabafado... dr-me-has o que te peço: Se não deres, aí de ti! O Fimo vendeu-

te alguma coisa? Lês-te no jornal o roubo em casa de Bassov? Creio que comprehendes... Não te daremos tempo algum, nada te deixaremos esquecer. E esta noite ainda... Creio que comprehendes!

—Porquê? Aristides Kuválda! — gemeu o taberneiro.

—Basta de palavreado. Compreendeste? Sim, ou não?

Arrogante, imponente na sombra expressão do seu rosto, fez vibrar sinistramente a voz rouca. A sua dupla condição de antigo militar e de homem que nada tem a perder, infundiu sempre algum medo a Vavilov. Naquela instante, Kuválda oferecia ainda outro aspecto diferente: não falava muito, nem em tom de ironia, como de costume; e na sua maneira de dizer, impetuosa e ameaçadora, d-luxava adivinha a certeza que estava de ser obedecido. O taberneiro, perante a insistên-

